



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Impasses na inscrição da diferença geracional e melancolizações na clínica psicanalítica contemporânea¹

Flavia Lana Garcia de Oliveira

Orcid: [0000-0001-5338-9417](https://orcid.org/0000-0001-5338-9417)

Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia / UFF (Niterói, Brasil)

Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Bolsista PNPd-CAPES / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)

Membro da Associação Universitária de Psicopatologia de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)

Membro do Laboratório de Psicanálise e Laço Social / LAPSO / UFF (Niterói, Brasil)

Email: flavialanaoliveira@id.uff.br

Ana Carolina Froes Reis

Orcid: [0009-0005-6390-9937](https://orcid.org/0009-0005-6390-9937)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Iniciação Científica pelo PIBIC-CNPq (2023-2024) pelo projeto de pesquisa Incidências de estados melancoliformes e maniformes na clínica psicanalítica contemporânea, na Universidade Federal Fluminense / UFF (Niterói, Brasil)

Email: anafroes@id.uff.br

Resumo: Na contemporaneidade, vemo-nos confrontados com sintomas que parecem decorrer do empobrecimento da força estruturante da função paterna na cultura. A diferença geracional consiste em um marcador intrínseco à subjetivação humana do desejo. Sua consideração se mostra inevitável, pois a adesão a uma hierarquia no nível mais sensível da constituição primária não pertence puramente a uma construção social ligada aos padrões vigentes no período histórico em que se foi socializado. Ela se impõe como o real de que ninguém nasce sem Outro. Por mais que o igualitarismo seja exaltado como valor moderno, inclusive nas relações entre adultos e crianças, não é possível recusar a dependência infantil. Neste artigo, investigamos a tese de que há uma crise em relação à diferença geracional que propicia a aparição dos estados melancoliformes nos dias de hoje. E, por fim, delineamos a proposição de que certos estados maniformes revelam uma precária tentativa de saída deste impasse por meio de um impulso à inversão geracional.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica; Diferença geracional; Melancolizações; Estados maniformes.

Impasses dans l'inscription de la différence de générations et mélancolisations dans la clinique psychanalytique contemporaine:

À l'âge contemporain, nous sommes confrontés à de symptômes qui semblent advenir de l'affaiblissement du pouvoir structurant de la fonction paternelle dans la culture. La différence entre les générations est un repère fondamental de la subjectivation humaine du désir. Elle s'avère inévitable, car l'adhésion à une hiérarchie au niveau le plus sensible de la constitution primaire n'est pas de l'ordre d'une construction sociale liée aux normes dominantes de l'époque où l'on a été socialisé. Bien que l'égalitarisme soit valorisé comme une valeur moderne, y compris dans les relations entre adultes et enfants, il n'est pas possible de nier la dépendance infantile. Dans cet article, nous examinons la thèse selon laquelle une crise de la différence générationnelle favorise l'apparition d'états mélancoliformes dans la clinique contemporaine. Enfin, nous esquissons l'hypothèse selon laquelle les états maniformes révèlent une tentative précaire de sortie de cette impasse par le biais d'un élan vers une inversion générationnelle.

Mots clés: Clinique psychanalytique ; Différence générationnelle ; Mélancolisations ; États maniformes.

Stalemates in the Inscription of Generational Difference and Melancholizations in Contemporary Psychoanalytic Practice:

In the current times, we are faced with symptoms that seem to stem from the weakening of the structuring power of the paternal function in culture. The differences between the generations are an intrinsic marker of the human subjectivation of desire. It proves itself as inevitable, as the adoption of a hierarchy at the most sensitive level of primary constitution does not belong to a social construction connected to the prevailing standards of the historical period in which one was socialized. As much as egalitarianism is exalted as a modern value—even in adult-child relationships—infantile dependence cannot be denied. In this article, we



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

explore the understanding that there is a crisis regarding generational difference, which favors the emergence of melancholic-like states in contemporary clinical practice. Finally, we outline the proposition that manic-like states reveal a precarious attempt to escape this stalemate through an impulse toward generational inversion.

Keywords: Psychoanalytic practice; Generational difference; Melancholizations; Manic-like states.

Impasses na inscrição da diferença geracional e melancolizações na clínica psicanalítica contemporânea

Flavia Lana Garcia de Oliveira & Ana Carolina Froes Reis

A diferença geracional como elemento estrutural

Na contemporaneidade, vemo-nos confrontados com sintomas que parecem decorrer do empobrecimento da força estruturante da função paterna na cultura. Anorexias, bulimias, obesidades, toxicomanias e outros tipos de autoflagelações desafiam a psicanálise a atualizar suas ferramentas para os impasses da civilização contemporânea. A clínica atual tensiona o método clínico psicanalítico. Os sintomas contemporâneos derivam do esgarçamento do laço social referido ao pai edípico, cujo desejo separa uma criança de sua mãe. O tratamento inconsciente via Outro paterno não adquire a mesma potência de pacificação do gozo traumático. Em *Complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio da análise de uma função em psicologia*, Lacan (1938/2008) afirmou que as neuroses evoluíram para um complexo caracterial devido à vacilação do significante Nome-do-pai. A suspeita generalizada contra toda e qualquer autoridade simbólica, em grande medida incitada pelo capitalismo de consumo, desencadeou o lento enfraquecimento do valor regulador das pulsões pela diferença entre os sexos e a assimetria entre as gerações.

A diferença geracional consiste em um marcador intrínseco à subjetivação humana do desejo. Em *Seminário 11: Os conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964/1998b, Lacan toca sensivelmente neste ponto ao formular que o inconsciente primeiro se manifesta para nós como algo em estado de espera, ainda não-nascido, em vias de advir, associado à posição de objeto originária e inevitável que o sujeito ocupou em sua organização familiar. É dessa posição de objeto primordialmente falado, marcado pela língua materna, pelo significante e pelo Outro, que o sujeito poderá se separar e constituir-se enquanto desejante. Sempre que essa posição de objeto falado pelo Outro comparece, o sujeito está em vias de advir. Lacan define essa elaboração psíquica como um esforço ético e uma exigência de subjetivação.

Segundo o historiador Philippe Ariès (1978/2016), a família é uma concepção genuinamente moderna em seu protagonismo nos cuidados e afeto dispensados às crianças, bem como no reconhecimento de sua função moral de preparação para a vida. Essa esfera passa a se sobrepor aos padrões da sociabilidade antiga, na qual crianças e adultos transitavam praticamente de modo indiferenciado nos espaços. À essa estrutura família cabia a transmissão da vida, do patrimônio e dos sobrenomes, sem maiores aprofundamentos sobre seu valor afetivo. Esse marco, coincide com o surgimento da modernidade. Nesta época, o Ocidente passou por uma expressiva transformação nos planos político, jurídico, social e econômico com a separação entre o Estado e a Igreja. Ocorre o desprestígio das representações sagradas que asseguravam a hegemonia dos preceitos religiosos na adesão a crenças e princípios (Coelho dos Santos, 2001). Nasce um novo campo de ideais para o indivíduo e suas relações com a sociedade, presidido pelos valores do individualismo, do igualitarismo,

da autonomia e da liberdade.

Porém, todo esse idealismo se choca com o fato de que, para humanizar-se, é preciso manter-se no laço a um referente alteritário que ultrapassa o próprio indivíduo. Conciliar estruturalmente o individualismo e o peso da autoridade não é uma tarefa simples de ser alcançada. Com a hipótese do inconsciente e sua estreita conexão ao desamparo originário, a psicanálise problematiza essa ética individualista. Esse debate é mais rigorosamente ancorado em *A ciência e a verdade*, no qual Lacan (1966/1998c) propõe o axioma que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera só pode ser o sujeito da ciência. O advento da ciência moderna a partir do século XVI funda uma nova posição que determina um modo inédito de estruturação do sujeito, que se constitui de modo homólogo aos objetos matematizados da ciência (Coelho dos Santos & Lopes, 2013). A intuição, a ilusão e a revelação, que são nomes de algumas formas de obtenção ancoradas nessa tradição divina, dão lugar ao questionamento de todas as significações herdadas (Oliveira, 2016). A subversão psicanalítica ocorre na medida em que, para Lacan (1966/1998c), a psicanálise opera reintroduzindo o Nome-do-Pai na consideração científica. Com essa formalização, traz para primeiro plano o não apagamento da autoridade simbólica na modernidade, que passa a ser recalcada e orientada pela incidência paterna no núcleo familiar

Em *Nota sobre a criança*, Lacan (1969/2003) indica que a função materna, enquanto elemento particularizado não anônimo, e a função paterna, enquanto introdução de uma Lei de orientação ao desejo, abrem a condição de inserção de uma criança como sujeito desejante no laço social. Para a psicanálise, o sujeito está ali, em vias de advir, onde ele ainda é profundamente dependente do Outro e, não poderá advir sem se servir dele. A referência ao Outro é a via de simbolização da ausência de um objeto absoluto de satisfação. Mediante a inscrição desse impossível, é possível, pela via da metáfora, atingir ganhos subjetivos que se coordenam aos lugares simbólicos ofertados pela cultura, os quais, por sua vez, são adquiridos pelas identificações primárias e secundárias no complexo familiar e em seus substitutos.

Toda essa demonstração nos envia a uma constatação lógica sobre a inscrição da diferença geracional. Ela se mostra imprescindível, pois a adesão a uma assimetria hierárquica no nível mais sensível da constituição primária não pertence a uma construção social ligada aos padrões vigentes no período histórico em que se foi socializado. Trata-se, acima de tudo, de um fato estrutural incontornável referido ao fato de que todo adulto um dia foi uma criança. Por mais que o igualitarismo seja exaltado como valor moderno, inclusive nas relações entre adultos e crianças, não é possível recusar a dependência infantil. Os despreparos biológico e psíquico do ser humano ao nascer conduzem à condição exposta por Freud (1950[1895]/1996d) de que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (p. 431). Inscrever seu lugar na cadeia geracional envolve um trabalho psíquico complexo, cuja maior herança psíquica é o surgimento do supereu. Essa dimensão superegoica, herdeira do laço ao Outro familiar, prova que nunca seremos completamente livres e autodeterminados. As estruturas da linguagem configuram essas exigências

pulsionais que não se descolam dos modos de pensar, agir e existir das experiências de nossos ascendentes, revelando o caráter imperativo de sua transmissão de forma transgeracional.

Portanto, para a psicanálise, a assimetria geracional é o que toca as relações entre a pulsão e o lugar do grande Outro na constituição subjetiva. O sujeito pode se defender recalando, desmentindo ou foracluindo seu significativo ordenador, que diz respeito à função do Nome-do-Pai. De todo modo, a pulsão precisa passar pelo Outro para encontrar seu instrumento de gozo, contornando a falta estrutural de um objeto de satisfação (Oliveira & Coelho dos Santos, 2022). Todo esse circuito não se estabelece de forma genérica ou anônima, pois está intimamente vinculado ao desejo do Outro, representado pelos pais, que retorna sob a forma dos imperativos que atravessam um sujeito. É a uma certa distância do gozo, que é regulada pelas interdições e pela transmissão do que é permitido que o sujeito realiza um trabalho interno que chega à uma singularidade e de uma realização ética.

A função do grande Outro e a clínica da civilização atual

O ser humano é o único mamífero superior inacabado ao nascer. Como exemplo desse inacabamento biológico tem-se o fato de o bebê nascer com paredes cardíacas não fechadas, insuficiência dos alvéolos pulmonares, caixa craniana não fechada dentre outras insuficiências. Como consequência psicológica é, portanto, um ser que não adveio e que não consegue se cuidar sozinho. Necessita de desejo materno. Na psicanálise freudiana, utiliza-se o termo desamparo originário para discorrer sobre este estado de aflição originária do ser humano devido a sua prematuração (Dufour, 2016). Com isso, demarca-se faz-se indispensável que um Outro primordial, um grande sujeito que é suporte simbólico da civilização. O grande Outro é encarnado pelas gerações anteriores. Desde o nascimento, é preciso que um Outro se presentifique com seu desejo. A sexualidade infantil é o efeito desse processo de humanização e dos efeitos estruturantes desse laço ao Outro.

Em *Romances familiares*, Freud (1909[1908]/1996e) ensina que os pais são, para a criança pequena, autoridade única e fonte de todos os conhecimentos. Ressalta como a criança desenvolve o desejo de igualar-se a eles, de "ser grande como seu pai e sua mãe" (p. 128). O progenitor do mesmo sexo ganha especial importância, o que vai ao encontro do que Freud (1940/2014) definiu posteriormente em *Compêndio de psicanálise* de que o pai é, para o menino, seu "invejado modelo, dada a força física que nele percebe e a autoridade com que o encontra revestido" (pp. 121-122). Conforme o sujeito amadurece e conta com um Eu mais permeável ao princípio de realidade, o sujeito descobre a categoria a que seus pais pertencem, conhece outros pais e faz comparações entre eles (Freud, 1909[1908]/1996e). Os fatos da vida fornecem material para essa crítica.

Contudo, o sujeito também pode ser acossado por impulsos mais intensos provocados pela rivalidade sexual, como resquícios dos complexos de Édipo e de castração. Além de inscreverem a diferença sexual, tais complexos também são decisivos para a inscrição da diferença geracional na constituição psíquica. Podemos considerar que a inclusão desse operador simbólico, tão relevante

para que o sujeito possa se apropriar de seu lugar no mundo, tem seu ponto de partida no encontro com a diferença anatômica entre os sexos. Tanto para os meninos quanto para as meninas, essa primeira angústia relativa à diferença sexual é fonte de questionamento e dispara pesquisas e teorias infantis, com consequências psíquicas diferentes para o menino e para a menina (Freud, 1933/2010b). A primeira teoria infantil é a suposição de que todas as pessoas possuem o mesmo genital – o masculino (Freud, 1905/2016). A oposição de fálcos-castrados será a primeira chave explicativa da diferença sexual, inaugurando a fase fálica. Nessa bipartição, quem tem o pênis é fálico e quem não o tem é castrada.

O menino supostamente teria o falo. Porém, sofre com a ameaça de castração representada pelo agente paterno, que passa a ser localizado como detentor do falo. A ameaça ganha força quando o menino a associa à genitália feminina, desprovida do pênis. Para mantê-lo, precisa interditar-se da relação incestuosa com a mãe como objeto de amor. Entra, assim, no período de latência, adquirindo as formações reativas essenciais à entrada na cultura, como o pudor, a vergonha e a moralidade (Freud, 1905/2016). Além disso, a própria mãe precisará se interditar e não consentir com as excitações de cunho incestuoso do filho, proibindo a masturbação infantil e introduzindo a referência paterna em sua força libidinal de corte para além de si mesma. Assim, os complexos de Édipo e de castração se interligam. A rivalidade edípica é superada pela identificação ao pai que se tem enquanto um modelo de sua função. A inscrição da diferença geracional, uma vez posta em consideração, apazigua o ódio e a disputa de natureza narcísica, transformando o Outro paterno em um parceiro que veicula uma promessa de tornar o que não se pode ser ainda, como orientação para o desejo.

Se, por um lado, a menina não precisa temer perder o pênis por uma ameaça de castração, por outro, precisa lidar com as repercussões desse não ter. De acordo com Freud (1940/2014), ela inveja o pênis nos meninos e tenta igualar-se a eles. Entretanto, não alcança seu objetivo e faz esforços para compensar este suposto defeito. Ressente esta privação, culpando sua mãe por tê-la trazido ao mundo tão precariamente equipada em comparação aos meninos. Esse rancor contribui para o deslocamento de seu objeto de amor da mãe ao pai. Passa a identificar-se com a primeira e a endereçar o apelo de posso do pênis ao pai, por meio da substituição do pênis pelo filho como objeto fálico. Mais adiante, ela escolherá seu marido com base nas características paternas situadas no nível dos ideais. Dessa forma, ao contrário do menino, a menina entra no complexo de Édipo através do complexo de castração (Freud, 1924/2019b). A inscrição da diferença geracional se dá por esse caminho tortuoso, por meio do qual os progenitores se tornam inacessíveis como provedores de uma plena satisfação, precipitando deslocamentos que permitem novos investimentos em objetos de fato possíveis nas trocas simbólicas que caracterizam a vida na civilização.

Como já aludimos na primeira seção deste artigo, o supereu é a instância psíquica designada por Freud como herdeira do Complexo de Édipo (Freud, 1923/2019a). Dez anos depois, na *Nova Conferência Introdutória XXXI, A Dissecção da Personalidade Psíquica*, Freud (1933/2010a) afirma que o papel que o supereu assumirá na organização do funcionamento mental deriva da autoridade

parental. Com isso, podemos deduzir que não existiria um supereu amparador, capaz de fazer valer princípios éticos e morais e barrar exigências pulsionais destrutivas, sem a participação da diferença geracional, que confere aos progenitores o peso de uma autoridade simbólica que norteia a pulsão para novos destinos mais sublimados. No marco temporal da adolescência é possível observar também a importância da diferença geracional. Nesse momento ocorre o doloroso desligamento da autoridade dos pais (Freud, 1914/2010d). Para Freud (1909[1908]/1996e), todo o progresso da sociedade depende da oposição das gerações. Na melhor das hipóteses, a geração mais nova vai promover um avanço cultural frente ao que a antiga promoveu (Freud, 1905/2016d). Sabemos que isso não é nem um pouco garantido, mas, de fato, a oposição existente entre as gerações parece impulsionar o desejo de superação de dificuldades, até certo ponto, de diferenciar-se da geração anterior. De toda forma, a ausência da diferença geracional impede o reconhecimento da existência de patrimônio outrora fundado. A própria noção de tradição depende da demarcação temporal de um passado que não coincide mais com o presente, e, por isso mesmo, poderá servir de guia para o futuro.

Desse modo, fica notório que o ser humano tem a propensão de colocar alguém na função paterna, como uma forma de apelo ao Outro. Se o desejo de viver existe, tenta-se mitigar a condição de desamparo a que se está submetido ao chegar no mundo por intermédio de um laço vitalizante. Por mais que os costumes da sociedade possam passar por grandes mudanças, algo permanece: esse endereçamento estruturante a um Outro. De acordo com Coelho dos Santos (2016; 2019), uma clínica da civilização atual precisa levar em conta a rejeição às coordenadas simbólicas tradicionais da diferença geracional e da diferença sexual. Na modernidade o peso atribuído a Deus é, ao mesmo tempo, alvo de maior ceticismo e ganha espaço na figura do pai de família. Já, na contemporaneidade, por influência do capitalismo de consumo, que fragiliza a crença num Outro consistente através de felicidade e satisfação irrealistas. Os tabus perdem vez: tudo é possível, nada é proibido. Os ideais permissivos estimulam o narcisismo e a presunção de tudo consumir e acessar. Paradoxalmente, o Outro se torna cada vez mais decepcionante já que os discursos individualistas, igualitários, liberais e progressistas não garantem essa plena aquisição de tudo o que é almejado (Oliveira & Coelho dos Santos, 2022).

É por esta razão que a decepção generalizada com o grande Outro é cada vez mais recorrente nos dias hoje, radicalizando o questionamento à dimensão simbólica da cultura que a época moderna já havia anunciado. A contemporaneidade, por influência do capitalismo pós-industrial, desmantela a crença num Outro consistente pelas promessas de felicidade da sociedade de consumo que não se realizam e isso contribui diretamente para a erosão dos papéis parentais (Oliveira & Coelho dos Santos, 2022). Todas essas mudanças ocasionam a supressão de tudo aquilo que os Complexos de Édipo e de castração possibilitam como orientação para o desejo em termos do lugar ao qual cada um pertence na sucessão das gerações. A simbolização da cadeia geracional fica prejudicada e os papéis ficam mais distorcidos. No âmbito das relações entre pais e filhos, verifica-se uma crise dos

papeis parentais e o acirramento do caráter parricida que abole a referência a qualquer autoridade. Como desdobramento, emerge, muitas vezes, um impulso à inversão geracional. Diluem-se as conquistas simbólicas possibilitadas pelo atravessamento dos Complexos de Édipo e de castração como trilha libidinal para inserção no espaço público, que é o espaço, por excelência, das trocas culturais.

Checchinato (2007) questiona a proposição que tem se tornado cada vez mais comum na contemporaneidade: a de que ser pai ou mãe é ser amigo da criança. Ele ressalta que isso não é possível pelo fato de a relação de amizade ser horizontal, responsável pela união das pessoas que não são parentes. Diferentemente das relações de parentesco, que envolvem aspectos bem mais complexos, ligados às identificações, à herança biológica e ao modo como o grande Outro se particulariza para cada um. Freud (1905/2016) mostra que, na puberdade, a elaboração psíquica de desligamento da autoridade parental abre caminho para superação das fantasias infantis incestuosas e o investimento em outros objetos. Essa oposição da nova geração frente à antiga é o que proporciona o avanço cultural. No contemporâneo, a infiltração das bandeiras igualitaristas e horizontalizantes nas relações entre pais e filhos ataca próprio operador psíquico da diferença geracional. Como consequência, os pais se desligam de seus filhos assombrados pela suspeita de oprimi-los com o exercício de sua autoridade. Essa aparente oferta de maior liberdade abandona o sujeito à desorientação proveniente do desamparo. Se essas relações se indiferenciam, há sérias consequências à subjetividade da criança. Esse curto-circuito no laço libidinal ao Outro culminará em maior sofrimento psíquico, sobre o qual nos debruçaremos a seguir.

As melancolizações na clínica do sujeito contemporâneo

O empuxo à inversão geracional impele o sujeito a assumir a função do Outro. Ou seja, a tornar-se o Outro dele mesmo. Ocorre, assim, o incremento do sentimento inconsciente de culpa pelo impulso parricida e a satisfação narcísica ligada a fixação em uma posição tão anti-civilizatória. Seguimos a hipótese sustentada por Oliveira e Coelho dos Santos (2022) de que a crise em relação à diferença geracional propicie a aparição dos estados melancoliformes na contemporaneidade. Tais estados não correspondem necessariamente à melancolia propriamente dita, que pertence ao campo das psicoses, na medida em que podem comparecer como traços na melancolização na estrutura neurótica (Coelho dos Santos & Oliveira, 2022). O que prevalece é são os sentimentos de decepção e desilusão com o Outro que não foi capaz de ter tudo e de fornecer tudo. Os sujeitos são tomados pela convicção de que foram injustiçados e acusam o Outro rancorosamente por esta injúria. Esses sentimentos retornam para si e se manifestam nas autorrecreminações e autoflagelações (Coelho dos Santos & Oliveira, 2022).

No *Rascunho E - Como se origina a angústia*, Freud (1894/1996a) compara a neurose de angústia à melancolia. Na primeira, há uma acumulação de tensão sexual física pela descarga da libido ter sido evitada, constituindo uma neurose de represamento. A segunda se caracteriza por uma

anestesia psíquica e pela não necessidade de relação sexual. Porém é marcada por um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica. Ou seja, trata-se de uma tensão erótica psíquica que quando se acumula, propiciando o desenvolvimento da melancolia. Muitas vezes, de fato, o melancólico pode não estar disponível para as relações amorosas, pois seu desejo se encontra inibido. Deduz-se daí uma posição subjetiva indisposta a elaborar as questões do corpo e da vida com os recursos que a sexualidade oferece. Para essa elaboração ocorrer a diferença geracional deveria estar incluída como articulada à diferença sexual.

No *Rascunho G – Melancolia*, Freud (1895/1996b) indica que, no funcionamento do melancólico, há uma descarga pulsional excessiva que ocasiona uma perda energética. É a retração para dentro que gera o retorno ao próprio objeto por meio da incorporação/ sucção e como consequência dessa libido sugada há uma implosão numa hemorragia que aparece nas autorrecriminações. Mais adiante, no *Rascunho K - As neuroses de defesa*, Freud (1886/1996c), Freud acrescenta a dinâmica de uma espécie de melancolia transitória que poderia atingir o Eu. Faz referência à anestesia como uma pré-disposição à melancolia ou, até mesmo, como a causa dela. Seu argumento é de que algo no nível de uma melancolia pode ser desenvolvido em certos momentos da vida e, até mesmo, em uma neurose. Nas suas palavras: "Em pessoas desse tipo, toda neurose assume facilmente um cunho melancólico" (p. 154).

Em *Luto e melancolia*, Freud (1917[1915]/2010c) compara o luto e a melancolia. No trabalho do luto, há uma retirada da libido do objeto amado para o superinvestimento das lembranças desse objeto, pois a realidade mostrou que esse objeto foi perdido. De acordo com Freud, o enlutado é convencido "pela soma das satisfações narcísicas em estar vivo, a romper com o objeto eliminado" (p. 189). Após esse processo, o Eu fica novamente livre e disponível para se ligar a outro objeto. Já na melancolia, este trabalho não levado a cabo. O abatimento tão comum no melancólico se relaciona a um desânimo, à depressão ou ao humor depressivo (Freud, 1917[1915]/2010c). Além disso, a perda de objeto na melancolia se diferencia do luto por ser de um caráter mais ideal. E, mesmo no caso de coincidir com uma perda de fato, a pessoa sabe quem é o objeto que foi perdido, mas não o que foi perdido nele. Portanto, a perda é profundamente inconsciente e de forte intensidade pulsional.

Sendo assim, a inversão geracional se apresenta em várias características das melancolizações. Na melancolia, ocorre uma confusão entre o que é do Eu e o que é do Outro, não cabendo, desse modo, a inscrição da assimetria em jogo nos lugares geracionais. O melancólico está certo de que perdeu algo e se torna obcecado por tentar recuperar o que foi perdido. Ele não consegue subjetivar a perda da completude do narcisismo. Acaba por incorporar o objeto como forma de não admitir perder nada. A anestesia psíquica decorre da paralisia da inscrição dos lugares simbólicos através dos complexos familiares. Ocorrem muitas falhas interpretativas em relação aos cálculos da realidade por estar anestesiado na articulação dos pensamentos.

O adoecimento psíquico que devém dessa não admissão, pelo melancólico, da perda do objeto é a regressão através de uma identificação narcísica, que incorpora o objeto perdido no Eu de

acordo com a fase oral-canibalesca. Na oralidade pulsional, o ato de sugar é a fonte máxima de obtenção de prazer, através do qual se devora o que é oferecido pela mãe. Há um funcionamento indiferenciado a este Outro primário. Na melancolia, sua incidência é patológica. A identificação narcísica ao objeto se torna uma substituta do investimento amoroso, resultando no fato de a relação amorosa não precisar ser abandonada, apesar das ambivalências afetivas geradas pelo desapontamento com o objeto. Freud (1917[1915]/2010c) propõe que "a sombra do objeto caiu sobre o Eu" (p. 181). A ausência de um Outro legítimo ao qual se referir gera a ruína melancólica. Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/2019a) afirma que, na melancolia, o supereu intervém imperativamente como cultura pura de pulsão de morte. Não se trata do supereu pós-edípico, herdeiro do Complexo de Édipo e, portanto, da identificação de uma outra modalidade de identificação, a paterna, que inclui a promessa de futuro. Mas sim de uma versão do supereu que é mais arcaica. A compulsão à repetição é sua manifestação mais destrutiva, podendo se apresentar sob a forma de pensamentos pessimistas e apocalípticos, ou ainda, sob a forma de adições que conjugam a forte angústia da posição de objeto do sadismo do supereu ao esforço de reduzi-la apelando ao pior, como se observa nas autoflagelações e nos transtornos alimentares.

A diminuição da autoestima é penosa. Sua intensidade chega a um nível extremo de empobrecimento do Eu. Uma parte do Eu é tomada por objeto, enquanto a outra, relativa ao supereu arcaico, a critica o tempo todo exageradamente, xingando, humilhando e maltratando o Eu. Esse quadro é chamado de delírio de pequenez e é instaurado devido a identificação com o objeto perdido, pois é fácil se recriminar quando na verdade se está recriminando o outro. O melancólico, sem a elaboração que a dimensão do sexual proporciona, ressent-se e indigna-se profundamente com a falta do Outro, ou seja, com a própria condição do Outro como castrado. Ao invés dessa falta dar ensejo ao desejo do Outro em sua função de causa, o que aparece é a hipossuficiência do mesmo (Oliveira & Coelho dos Santos, 2017). Indiferenciado ao Outro que tanto condena e sem a demarcação dos lugares simbólicos para se localizar, o melancólico é impregnado por um delírio de pequenez, não possibilitando a eleição de outra geração para vir em seu auxílio. Sustentar-se o Outro de si mesmo se torna, então, uma tarefa muito pesada, o que pode levar até mesmo ao suicídio. Freud (1917[1915]/2010c) associa o suicídio justamente à identificação do sujeito ao objeto perdido. Já que o Eu se encontra identificado ao objeto perdido, ele dirige para si a hostilidade que é dirigida a esse objeto. Ele é subjugado pelo objeto e como um ato final dessa hostilidade, ele se suicida impelido ao extermínio do objeto perdido.

Freud (1917[1915]/2010c) evidencia o risco de passagem da melancolia à mania, configurando um estado de sintomas aparentemente opostos mais causados pelo mesmo impasse. No desencadeamento maníaco, o Eu, que até então estava subjugado pelo objeto, sucumbindo diante de um supereu sádico que o recrimina na mesma proporção que deprecia o Outro que o decepcionou, põe em suspenso este tipo de dor psíquica por meio de uma euforia patológica que o leva ao impulso de tudo poder. Nesta plenitude da onipotência narcísica, a ausência de um suporte do Outro leva à

exposição do sujeito a situações de alto risco, em que se dá a destituição completa de qualquer consideração à realidade.

A aparição dos estados melancoliformes na contemporaneidade se articula a uma crise no consentimento à diferença geracional, devido aos efeitos clínicos ligados a uma subjetivação do laço com o Outro em que essa dimensão de alteridade é rechaçada. Do mesmo modo, há estados melancoliformes que revelam a sombra do Outro decepcionante que recai sobre o próprio sujeito e o faz se desvalorizar tanto quanto desvaloriza o Outro. Os estados maniformes revelam uma precária tentativa de saída a este impasse, em que se busca ser seu próprio Outro. Podemos considerar que o impulso à inversão geracional nasce dessa tentativa de fuga da realidade de base hipomaníaca. Seria um estado maniforme, ancorado em uma crença de que é possível autodefinir-se, excluindo o Outro e tornando-se autorreferente.

Considerações Finais

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998a) apresenta uma atualização à ética da clínica psicanalítica ao afirmar que “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (p. 321). Posteriormente, Miller relança essa importante orientação “não há clínica do sujeito sem clínica da civilização” (Miller; Milner, 2004, p. 46). Ambos se apoiam na consideração freudiana de que não existe uma fronteira rígida entre a “psicologia individual” e a “psicologia social” (Freud, 1921/1996f). Como vimos, a pulsão inevitavelmente pelo Outro para encontrar seu modo de satisfação. Um impulso à exclusão do Outro, apesar de ser estruturalmente impossível, alerta para discursos, sintomas e laços sociais de um certo contexto que possam encorajá-lo.

Como também apresentamos nesse estudo, a partir década de 1920, a experiência clínica, sobretudo com a neurose obsessiva e com a melancolia, impõe a Freud a convicção de que há algo no sofrimento sintomático que extrapola as fronteiras do princípio do prazer e diz respeito aos efeitos da pulsão de morte, a pulsão por excelência. O texto *O ego e o id* (Freud, 1923/2019a) resulta de uma elaboração teórica sobre o fenômeno clínico da necessidade de punição, ressaltando que o caráter compulsivo e culpabilizador da relação do sujeito melancólico com seu sintoma revela um potencial mortífero excessivo na forma de um ruidoso superego. Freud postula a necessidade de punição como indicativa da dimensão pulsional da repetição, para além de seu sentido interpretável e do trabalho psíquico que a sexualidade exerce sobre a pulsão.

O recalque neurótico implica o tamponamento, pela fantasia, das perdas narcísicas devido à sua incapacidade de articular integralmente a lei simbólica. Sua “paróquia” está restrita aos significantes particulares que compõem a constelação familiar de cada sujeito. Ao mesmo tempo, também constitui uma resposta inconsciente defensiva ao excesso pulsional. Muito diferentemente, nas melancolizações, o sujeito se percebe desamparado frente ao Outro. A falta do Outro perde seu poder simbólico por não remontar à crença universal na potência paterna contra a desproteção. Esse

é um marco ligado à inscrição da diferença geracional, que põe um grande sujeito em uma posição ascendida que, em sua exterioridade, dá força a um ideal que causa o desejo. A perda do acesso a ser o próprio ideal de se mesmo é traduzida como abandono. A única saída para o entorpecimento melancolizante, em alguns casos, se dá através da fuga maniforme.

Em suma, as compulsões podem indicar uma atividade hipomaníaca de restituição da completude narcísica. Há um triunfo frente à perda do objeto, ainda que temporariamente. Do ponto de vista econômico, a mania envolve a liberação do acúmulo de investimento retido no Eu. Com a abolição de toda a autocrítica, há uma ausência surpreendente das inibições no âmbito das ações que realizam as exigências pulsionais. No entanto, parece que o indivíduo não deixa de ser um homem faminto agido por um excesso pulsional que não conhece interdições. Parece continuar servindo a um funcionamento muito arcaico do psiquismo e a um modo de relação com o objeto bastante desprendido das coordenadas civilizatórias. Quando esses estados emergem na clínica com as neuroses, têm valor defensivo diante da ameaça de desintegração psíquica que os assola diante da precária incidência da função paterna. Quando essa defesa fracassa, a consequência pode ser uma autodepreciação profunda, que pode levar a ideações suicidas.

Remetemos todas essas perturbações às implicações, na constituição subjetiva da criança, do sentimento inconsciente de culpa e do forte sentimento de inadequação ao lugar que está ocupando, quando ocorre o enfraquecimento do operador simbólico da diferença geracional na mentalidade familiar e/ou social. A dissolução das diferenças de papéis entre pais e filhos, muitas vezes posta em xeque como equivalente ao par dominadores e dominados. A criança perde seu direito de usufruir de seu tempo de estruturação psíquica para ser adultizada e tratada de modo igualitário. Pode-se dizer que, nesses estados, ocorre uma crise em relação a diferença geracional que se remete a uma insuficiência das identificações pós-edípica, que consolidam o supereu como ferramenta psíquica marcada pelo que se herda de seus antecedentes em razão da diferença geracional. Esse fino trabalho de se servir do Outro que se tem como é alijado pela certa de um Outro que é opressor e insensível.

Na clínica contemporânea, toda essa conjuntura se reverte na maior vulnerabilidade psíquica, sobretudo dos adolescentes, a passagens ao ato. A passagem ao ato é definida como uma saída de cena por parte do sujeito. Nela, não há um apelo a quem o decifre, o acolha, repudie ou qualquer outra forma de demanda (Castro et al, 2022). Nos dias de hoje, o suicídio tem-se feito presente de forma elevada. No guia intitulado *Prevenção do suicídio: Um recurso para conselheiros* (OMS, 2006), é informado que um maior número de pessoas morrem por cometer suicídio no mundo todo mais do que as mortes em todos os conflitos combinados. No ano de 2000, um milhão de pessoas cometeram suicídio e presume-se que os números reais são maiores ainda. Atualmente, indivíduos entre 15 a 35 são os que mais cometem suicídio. Esses dados mostram a relevância das pesquisas sobre o tema do suicídio com a chave da inversão geracional a luz do diagnóstico diferencial em Psicanálise. Freud (1917[1915]/2010c) abordou o tema do suicídio ao teorizar sobre a melancolia. Mostra como, por

identificação ao objeto perdido, o sujeito pode acabar com a própria vida quando se quer assassinar outra pessoa. A diferença geracional não atua como potência do desejo de viver em aliança ao Outro que representa um patrimônio cultural e suas promessas de realização.

Notas

1. Este artigo é composto parcialmente por passagens reescritas e aperfeiçoadas do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia intitulado *A inversão geracional: Consequências psíquicas e sua importância para o diagnóstico diferencial em psicanálise*, de Ana Carolina Froes Reis, pela Universidade Federal Fluminense, campus Niterói. O trabalho foi orientado pela Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira e aprovado por banca em agosto de 2024. A aluna foi bolsista de Iniciação Científica e seu TCC é resultado das atividades de pesquisa realizadas entre 2023 e 2024. Outra parte do artigo é constituída por avanços da pesquisa da Profa. Dra. Flavia Lana Garcia de Oliveira, ligados ao projeto de pesquisa sob sua coordenação, que se intitula *Incidências de estados melancoliformes e maniformes na clínica psicanalítica contemporânea*. Atualmente, tal projeto permanece com financiamento PIBIC-CNPq.

Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (2016). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1978).
- Castro et al. (2022). Escuta do Sofrimento Mental Estudantil: Relato de Experiência do Atendimento Psicológico aos Estudantes da UFRJ. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, 22(01), 380-396.
- Checchinato, D. (2007). *Psicanálise de pais: criança, sintomas dos pais*. Rio de Janeiro: Cia Freud. (Trabalho original publicado em 1936).
- Coelho dos Santos, T. (2001). *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Coelho dos Santos, T. (2016). O Outro que não existe: verdade verídica, verdades mentirosas e desmentidos veementes. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19(3), 565-604.
- Coelho dos Santos, T. (2019). Natureza e cultura. Existe continuidade ou descontinuidade entre elas? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 166-170.
- Coelho dos Santos, T. & Lopes, R. G. (2013). *Psicanálise, ciência e discurso*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Dufour, D. R. (2016). O Outro lacaniano, uma razão no real. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), 20-30.
- Freud, S. (1996a). Rascunho E: Como se origina a angústia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 141-146). Rio de Janeiro: Imago.

- (Trabalho original publicado em 1894).
- Freud, S. (1996b). Rascunho G: Melancolia. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 150-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996c). Rascunho K. As neuroses de defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 150-172). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1886).
- Freud, S. (1996d). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 333-444). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1996e). Romances familiares. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 8, pp. 127-130) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909[1908]).
- Freud, S. (1996f). Romances familiares. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 77-154) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2010a). A Dissecção da Personalidade Psíquica. In *Obras Completas, Volume 18: O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos* (pp. 192-224). Rio de Janeiro: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010b). Conferência 33. A feminilidade. In *Obras completas, Volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos* (pp. 263-293). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010c). Luto e Melancolia. In *Obras completas, Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (pp. 128-142). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915]).
- Freud, S. (2010d). Recordar, Repetir e Elaborar. In *Obras completas, Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ["O caso Schreber"], artigos sobre a técnica e outros textos* (pp. 147-155). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2014). Compêndio de Psicanálise. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados* (pp. 147-171). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019a). O Eu e o Id. In *Obras completas, Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros*

- textos* (pp. 9-42). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2019b). Neurose e Psicose. In *Obras completas, Volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (pp. 109-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998b). *O Seminário livro 11: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1998c). A ciência e a verdade. In *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). *Nota sobre a criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Lacan, J. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio da análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1938).
- Oliveira, F. L. G. de. (2016). Do corte científico à invenção de um sujeito inédito: sobre a inserção da psicanálise no campo da ciência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, 254-257.
- Oliveira, F. L. G. de, & Coelho dos Santos, T. (2017). Psicopatologia dos transtornos alimentares e seus estados melancólicos. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20 (2), 247-262.
- Oliveira, F. L. G. de & Coelho dos Santos, T. C. (2022). *Intervenções psicanalíticas no campo da saúde: Inovações no tratamento de transtornos alimentares*. Rio de Janeiro: Autografia.
- OMS. (2006). *Prevenção do suicídio: Um recurso para conselheiros*. Genebra.

Citação/Citation: Oliveira, F. L. G. & Reis, A. C. F. (nov. 2024 a abr. 2025). Impasses na inscrição da diferença geracional e melancolizações na clínica psicanalítica contemporânea. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(39), 118-132. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2025v20n39p118-132

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 01/04/2025 / 04/01/2025.

Aceito/Accepted: 10/04/2025 / 04/10/2025.

Copyright: © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.